

ANTÓNIO SÉRGIO: UM DISSIDENTE EM CONSTANTE BUSCA DE SENTIDO

*António Sérgio: a dissident in constant
search of meaning*

SÉRGIO CAMPOS MATOS

sergiocamposmatos@gmail.com

Universidade de Lisboa, Centro de História

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8521-5817>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-7_10

Texto recebido em / Text submitted on: 02/06/2020

Texto aprovado em / Text approved on: 25/02/2021

Biblos. Número 7, 2021 • 3.^a Série

pp. 225-248

RESUMO.

No pensamento de António Sérgio a memória individual ocupa aparentemente um lugar insignificante. No contexto de uma obra tão variada tudo parece obedecer a um ideal racionalista unitário de coerência íntima, a um impulso para a cidadania e expectativa de futuro melhor – o que se compreende se atendermos à intencionalidade de progresso, à marca libertária e à sede de absoluto que percorre o seu ideário. No entanto, a releitura de passagens autobiográficas esquecidas – modo de se observar a si mesmo e de se confrontar com o seu segredo íntimo – revela um complexo auto-retrato em que se torna evidente a necessidade de autojustificar o apelo de acção, a par de uma dimensão que durante muito tempo lhe foi negada: a marca romântica e mística de um dissidente das elites políticas e intelectuais do seu tempo, relativamente a uma mentalidade dominada pela dimensão material da vida e pela superstição do poder.

Palavras-chave: Memória individual; Autobiografia; Romantismo; Racionalismo; Cidadania.

ABSTRACT.

In António Sérgio's thought, individual memory apparently occupies an insignificant place. In the context of such a varied work everything seems to obey to a unitary and rationalist ideal of intimate coherence, an impulse for citizenship and expectation of a better future. Which is understandable if we consider the intentionality of progress, the libertarian mark and the thirst for absolute that runs through his ideology. However, forgotten autobiographical passages – way of observing and confronting himself with his intimate secret – reveals a complex self-portrait in which the need to self-justify the call for action becomes evident alongside a dimension that has long been denied: the romantic and mystical mark of a dissident. Dissident from the political and intellectual elites of his time, from a mentality dominated by the material dimension of life and the superstition of power.

Keywords: Individual memory; Autobiography; Romanticism; Rationalism; Citizenship.

O homem de superior inteligência [...] pensa sempre o que sente. E todo o pensamento que é pensamento autêntico, criador, efectivo – vem sempre acompanhado de uma profunda emoção. Tenho passado toda a minha vida a alargar o âmbito do sentimento, a fazê-lo transbordar sobre o racional, a protestar contra o mito da ‘inteligência fria’. (António Sérgio, *Ensaio VII*, 1954)

Tenho, sem dúvida alguma, uma sensibilidade mística e romântica: com isto porém, um cérebro implacavelmente racionalista. (António Sérgio, *Seara Nova*, 19-11-1938)

António Sérgio viveu num tempo de afirmação dos intelectuais como grupo autónomo em relação aos poderes instituídos. Como sucedera no final do século XIX em França a propósito do Affaire Dreyfus, ou em Espanha na sequência da Guerra Hispano-Americana. Tempo em que os intelectuais se pensaram colectivamente como consciência crítica da sociedade e da política. Mas antes disso mesmo, nos anos 20 e 30 de oitocentos, em França, em Portugal e noutras nações os intelectuais românticos investiram-se de uma missão de regeneração social e cívica. Já na segunda metade do século, Antero de Quental e Eça de Queiroz exprimiram uma consciência de geração. E na I República, o grupo da Renascença Portuguesa e logo depois as revistas *Pela Grei* (1918) e *Seara Nova* (desde 1921) desempenham relevante função nessa afirmação da *intelligentsia*. Em qualquer destas revistas afirma-se um pensamento crítico independente, alheio a dogmatismos e a fidelidades partidárias.

Esses periódicos constituíram um terreno privilegiado de afirmação de António Sérgio enquanto intelectual comprometido com um ideal radicalmente autónomo de cidadania. Um intelectual *engagé* com um imperativo de consciência desde os primeiros tempos da República – tópico aliás muito debatido na época que lhe foi dado viver, o “tempo dos intelectuais”. Alguém que, proveniente de um meio aristocrático e liberal, excêntrico na sua origem geográfica (Damão, Índia), quis ter um dia um papel relevante na formação das elites nacionais.

Sempre fez da intervenção no espaço público uma prioridade da sua actividade, tanto durante o regime democrático da I República como durante a Ditadura Militar e o Estado Novo. Muito crítico do ideário e da prática

política do republicanismo jacobino bem como do tradicionalismo integralista, a sua posição ficou bem expressa nas revistas *Pela Grei* (1918-1919) e depois na *Seara Nova* (a partir de 1923). A sua acção constante foi perseguida pelos regimes ditatoriais, sendo preso cinco vezes (Baptista, 1992). Viu várias das suas obras proibidas pela censura¹. E teve de se exilar sucessivamente em Madrid (1926) e Paris (1926-1933). E de novo em Madrid (1935-1936).

António Sérgio sempre foi um homem de acção – embora repetidamente negasse tal vocação e pusesse em causa as suas qualidades nesse campo. No seu período de exílio em Paris acentuou-se esse impulso para a intervenção política. Conspirou insistentemente contra a Ditadura Militar portuguesa e contra o regime de Salazar. Mas foi também nesse tempo adverso que assumiu a sua falta de qualidades para essa mesma acção. Em carta a Raúl Proença datada de Março de 1932, afirmava: “Sempre me julguei o menos dotado, de todos nós, para a política e para a acção. Nesse campo, têm sido numerosas as minhas *gaffes*” (Sérgio, 1987: 193). Seja como for, tanto no plano do pensamento social como desse irreprimível impulso para a acção, ficou bem evidente a independência crítica e a distância em relação aos regimes políticos vigentes e ao espírito de sistema. Bem significativa dessa atitude é a autodefinição exarada na introdução aos *Ensaio I* (1920): “democrata, mas antijacobino; anticlericalista mas respeitador do catolicismo; partidário da instrução democrática mas inimigo (e por isso mesmo) da mera superstição do abc” (Sérgio 1980a [1920]: 60). Deste ponto de vista, António Sérgio bem pode ser considerado um dissidente. Mas o seu dissídio, a subalternização com que encarava a forma do regime (monarquia ou república) não o impediu de dar um contributo muito construtivo para melhorar o funcionamento das instituições republicanas: vejam-se, por exemplo, as suas propostas detalhadas no sentido de afinar o funcionamento do futuro parlamento, logo que caísse a Ditadura Militar e fosse reposta a liberdade (Sérgio, 1980b [1927-1929])².

¹ Por exemplo, os *Diálogos de doutrina democrática*, em 1933, e a *Introdução geográfica-sociológica à história de Portugal*, em 1941.

² Notas de política, *Ensaio III*.

Por outro lado, o ensaísta viveu um tempo de progressiva especialização das ciências e dos saberes, de departamentalização das universidades, com os inconvenientes que esse inevitável processo trouxe consigo: a criação de fronteiras não raro artificiais entre ciências sociais e entre estas e as ciências da natureza (Burke, 2012: 160-176). Embora formado na Escola Naval e na Escola Politécnica, Sérgio foi sobretudo um autodidacta exterior ao acanhado meio académico – entrou aliás em diversas polémicas com professores universitários tradicionalistas como Martinho Nobre de Melo, Cabral Moncada ou Mário de Albuquerque, e com intelectuais perseguidos pelo Estado Novo como António José Saraiva e Bento de Jesus Caraça.

A sua obra – como não raro sucede com outros ensaístas – foi-se construindo *circunstancialmente*, de um modo *fragmentário*, mesmo quando reunida em volume – caso dos *Ensaio*s ou das *Cartas de problemática*. Nela expõe-se um pensamento não sistematizado. Mas se a dispersão transdisciplinar é nela uma marca intrínseca, evidente, também é um facto que a esta dispersão corresponde uma posição epistemológica holista, sempre valorizando a relação entre a parte e o todo no processo de conhecimento, nos antípodas de um eruditismo acumulativo e superficial (Sérgio, 1981 [1934]: 7-9; 1973 [1941]: 7-9)³.

António Sérgio não viu os seus textos mais relevantes – os ensaios – traduzidos noutras línguas, o que limitou a sua projecção para além do mundo lusófono. Em 1952 confessava a um amigo que não lhe interessava ter público no estrangeiro, escrevia “para actuar no espírito dos portugueses” (Sérgio, 1977c). O que não deixa de surpreender, sobretudo se tivermos em conta a sua atitude intelectual universalista e cosmopolita, bem evidente na concepção transnacional de história.

O lugar donde fala não é o de especialista ou de erudito, antes o do ensaísta, pedagogo, prosador de ideias, “afinador de pianos”. Sempre valorizou o método, a atitude problemática do pedagogo, do reformador social e prosador de ideias: “Sou apenas um *pedagogo*, uma sorte de *pregador*, um

³ Um outro ensaísta contemporâneo de António Sérgio, Ortega y Gasset, foi igualmente muito crítico do eruditismo, ver Ortega y Gasset, 1983: 56.

filósofo, um campeador pela cultura e pelo bem do povo, cujo único cuidado são as pedras vivas que sofrem” (Sérgio, 1977: 5; sublinhado meu).

Em 1954, ao recusar o estatuto de político, define-se como “um doutrinário” empenhado numa pedagogia cívica (Sérgio, 1973 [1954]: 3). Mas além de comprometido com uma causa pública, Sérgio é um *intelectual humanista, clássico*, que se interessa por tudo o que é humano, que pensa o humano na sua diversidade, da filosofia, das ciências da natureza e das artes (especialmente a literatura) à história, passando pela sociologia, a economia, os problemas sociais e a política.

Há em Sérgio uma intenção totalizante – no sentido de valorizar o todo, na sua complexidade. E aí, além do contacto com Espinosa, a marca hegeliana está bem presente (lembre-se que tinha um retrato de Hegel exposto na parede da sua casa⁴). Essa intenção está bem presente no seu racionalismo idealista e místico. Está no ideal platónico do Bem, no Dever Ser racional, no ideal de Democracia e de Justiça, no Uno Unificante. Opõe-se ao eruditismo estéril, à “sabença” característica de uma “mentalidade pedantesca de pura sabinchice ostentosa” (Sérgio, s. d.: 347)⁵. Está nos *Ensaio*s e muito especialmente revela-se nas notas em apêndice – não raro esquecidas. E em artigos circunstanciais de polémica e esclarecimento de ideias.

Esse ideal totalizante desdobra-se em componentes opostas e complementares e manifesta-se também na própria narrativa autobiográfica, no modo como procurou representar-se a si próprio como um ser coerente que teria permanecido fiel à unidade de ideal desde os seus primórdios. Um ideal que lhe teria sido como que revelado na adolescência, antes até de ler os filósofos, no contacto com a geometria analítica. Numa carta a Joaquim de Carvalho, datada de 1930, esclarecia:

Lembro-me de que, quando eu tinha uns 16 anos, antes de ler quaisquer filósofos, numa carruagem de comboio, de Lisboa para Paialvo [Tomar],

⁴ António Sérgio tinha uma relação complexa com Hegel: simpatia-antipatia por um “monstro” que o seduzia e, ao mesmo tempo, repelia.

⁵ *Cartas de problemática*, n.º 4, datada de Novembro de 1952.

pensando na geometria analítica e na tradução das figuras em puras relações intelectuais, tive a revelação fulgurante da tese idealista. E disse para mim mesmo: *tudo se passa no interior do pensamento: as ideias só encontram ideias*’. *Foram momentos de embriaguez*. (Catroga; Veloso, 1983: 983; sublinhado meu)⁶

Sérgio viveu dividido entre o impulso para a acção cívica e política, movido que foi por um imperativo libertário de justiça social e a propensão para a reflexão filosófica, em que um pendor místico se foi afirmando. Na sua variada intervenção no campo da pedagogia cívica há uma evidente componente doutrinária, sempre em oposição às oligarquias dominantes, ao que considerava falsas elites. É certo que também essa pedagogia cívica é justificada pelo seu ideário filosófico de pendor totalizante, holista. Mas nem sempre aquele impulso para a acção (associado à doutrinação pedagógica e social) parece compaginar-se com uma vocação espiritual, inscrita nas origens: poderemos notar isso mesmo nas oscilações que topamos no estatuto de onde fala. Como parece haver “desconforto” com um alegado desvio no seu percurso que procura justificar com as circunstâncias nacionais e pessoais. Como se vivesse um descompasso entre aquele impulso para a acção e a vocação de sempre para a reflexão teórica e para as aspirações espirituais.

Raras vezes Sérgio se referiu publicamente ao seu passado – estava centrado no presente e sobretudo no futuro. Numa entrevista radiofónica datada de 1958, nota-se um movimento de intencional distanciação em relação às memórias de infância e juventude. Nela domina um olhar prospectivo, chegando a afirmar: “em geral o passado interessa-me muito pouco”. E quando lhe é perguntado “Gostaria de voltar a encontrar o lugar do seu nascimento?”, a resposta é “talvez”, para logo a seguir acrescentar: “Não creio que valha a pena ter esse incómodo”. E à pergunta – “Perde-se muitas vezes nas recordações de infância?” – responde: “Recordo pouco o passado. *Sou um homem [de] que[m] quase se pode dizer não tem passado. Esqueceu*” (Sérgio, 1958;

⁶ Carta a Joaquim de Carvalho, datada de 12-12-1930.

sublinhado meu). No entanto, esta declaração não corresponde exactamente ao que podemos observar nos fragmentos do auto-retrato que foi compondo ao longo do seu percurso intelectual⁷. Em alguns deles, o passado serve para justificar a ulterior trajectória pessoal.

UM DESVIO NA VIDA?

António Sérgio referiu-se por diversas vezes a *um desvio no seu percurso* que teria ficado a dever-se às condições adversas em que lhe foi dado viver e ao imperativo ético de consciência no sentido de intervir publicamente. Como interpretar esta ideia de um *desvio* no seu percurso intelectual? Sem dúvida um desvio em relação a uma inicial concentração na filosofia, na reflexão espiritual: o seu papel não teria sido de *sábio*, nem de *filósofo*, mas de intelectual comprometido com uma causa cultural *res publicana*:

Eu propus-me, no pouco que valho, ser um dos que contribuísem para tal acção [política]. As circunstâncias revoltas da nossa pátria na época de crise em que entrei na vida; um *erro completo e irremediável na escolha inicial de uma carreira*; a *necessidade económica* de absorver o tempo em fainas ingratas ao meu feitio – *determinaram* o papel que me coube em sorte adentro da esfera da nossa cultura – e que *não é o de ser sábio, nem um filósofo*, mas o de preparar as condições para que tu o sejas. A falar exacto – *nem mesmo tu, ó jovem, de agora: mas somente aqueles que se seguirem* a ti, e que nem começaram a desabrochar. (Sérgio, 1977a: 22; sublinhado meu)⁸

Todavia, esta explicação autojustificativa – a conjuntura em que viveu a juventude, condições de vida adversas, incluindo dificuldades económi-

⁷ Exemplo é a “Autobiografia inédita de António Sérgio escrita aos 32 anos no *Livre d’Or* do Instituto Jean-Jacques Rousseau (Genève)” (Hameline; Nóvoa, 1990).

⁸ Escrito no exílio em Paris em 1928. Na entrevista acima citada (1958), Sérgio insistiria na ideia de que, na juventude, a sua ida para a marinha fora um “erro de orientação”. Nenhuma ideia de desvio de orientação se encontra na Autobiografia escrita em 1916, citada na nota anterior.

cas – não se afigura convincente. A conjuntura de crise nacional, um “erro [...] irremediável na escolha inicial de uma carreira [a carreira naval]”, a par da “necessidade económica” teriam determinado a função (e perfil intelectual) que lhe “coube”? A explicação não é, de todo em todo, coerente com o idealismo crítico (Vilhena, 1976) a que António Sérgio habituou os seus leitores. Nem com a valorização da função da vontade individual e colectiva – “a *actividade consciente do homem*”, “o *intelecto*” como factor de transformação histórica. O ensaísta usa este argumento para contrariar as teorias de determinismo étnico e geográfico ou ainda o determinismo económico como factores únicos e exclusivos quando procura explicar a relação entre lusitanos e portugueses (Sérgio, 1974: 66-69).

Se a sua vocação era, de facto, a de *sábio* e de *filósofo* porque não havia de seguir esse chamamento se, como revelou a Joaquim de Carvalho em 1930, “*tudo se passa no interior do pensamento*” – isto é, o pensamento *é que comanda a vida, e determina* as práticas humanas? A justificação que nos dá não está em sintonia com a sua filosofia racionalista e mística em que *é o pensamento, é o ideal e a vontade que comandam o destino individual*. E como compreender a necessidade de se justificar? Porque tinha expectativa de construir uma obra filosófica? Sem dúvida. Lembre-se que os seus primeiros escritos publicados se situam entre poesia e filosofia, em contacto estreito com a obra poética e filosófica de Antero. Mas segundo a sua justificação do desvio, obedecendo a *um impulso voluntarista, a um ideal de bem-fazer*, a sua obra inicial logo se encaminha a partir dos primeiros anos 10 e da conjuntura da I República para a problemática pedagógica, histórica, económica e cultural. Sem nunca, todavia, abandonar a reflexão filosófica. O impulso para a acção corresponde aliás a um diagnóstico muito crítico das elites nacionais, que chegou a considerar “falsas elites”, e à necessidade de formar verdadeiras elites. Situaría aliás precisamente no campo político as maiores carências das elites portuguesas.

É certo que todo o seu ensaísmo está impregnado de racionalismo crítico e de apelo místico, de um modo indissociável. É um todo coerente, não deixando contudo de nele se verificarem inflexões significativas – como demonstrei no que respeita ao pensamento social e político: por exemplo, só

adopta o conceito de luta de classes e o programa cooperativista a partir dos últimos anos do exílio em Paris (Matos, 1988).

No entanto, Sérgio sente por diversas vezes a necessidade de justificar aquele “desvio”. Nesses textos, por mais breves que sejam, configura-se uma “identidade narrativa” (Paul Ricoeur, 1985), uma egohistória – e note-se de passagem que por diversas vezes ele insistiu no repúdio do *moi haïssable* a que se referia Pascal. Não por acaso, datam algumas dessas breves passagens autobiográficas do tempo do exílio em França (1927-1933), tempo de grandes dificuldades económicas e existenciais que Sérgio chegou a ver, em correspondência privada, como um “buraco negro” e em que representou a sua vida como um “naufrágio contínuo” (Catroga; Veloso, 1983: 996)⁹. O que deixa entrever um mal-estar consigo mesmo e com o mundo assumido sobretudo em alguma correspondência privada mas que em obra publicada tão-só se entrevê em breves indícios. Como se a aspiração espiritual do seu racionalismo místico fosse uma expressão não assumida de uma insuficiência da realidade em que viveu.

Ora, bem vistas as coisas, estas narrativas sergianas carregadas de dramatismo *são aproximações ao lado nocturno do ensaísta*: são auto-representações de alguém que se vê em confronto com um destino que, marcado por *mal sorte*, irremediavelmente, inevitavelmente, o teria desviado de um caminho ideal. Sem nunca o referir directamente, certo é que Sérgio se via a si próprio como um *déraciné*, de mentalidade cosmopolita e universalista, aberta ao mundo. Uma mentalidade que noutros textos atribuiu aos navegantes (que ele próprio também foi na juventude). Alguém que teve de se exilar no tempo da Ditadura Militar – um regime que aprofundou o isolamento nacional, em oposição à vocação cosmopolita e universalista que o ensaísta via na história nacional. Compreende-se pois que para ele, Sérgio, emigrado político, a verdadeira tradição nacional fosse a do *desenraizamento*. O ensaísta situava-se assim em frontal oposição à narrativa histórica que os intelectuais tradicio-

⁹ Carta a Joaquim de Carvalho, datada de 29-06-1931.

nalistas (caso de Maurice Barrès em França) e integralistas (sobretudo António Sardinha) tinham difundindo¹⁰.

ANALOGIA COM OS PORTUGUESES E A SUA HISTÓRIA

Tentador é estabelecer uma analogia entre o percurso individual de António Sérgio com a caracterização que nos deu de Portugal e do seu percurso histórico. Ora, entre as características que viu nos portugueses ele identifica precisamente a vontade de autonomia e o amor da liberdade, a “persistente aspiração para as liberdades populares” e uma alma democrática. Em suma um espírito independentista e democrático. Em contraste com os espanhóis, os portugueses teriam um espírito “mais plástico [...] mais aberto, menos supersticioso e menos fanático, mais conciliador e mais empirista, *mais político e mais cívico, mais humanista e liberal* do que o espírito do castelhano” (Marques, 1976: 136-137, 145). O circunstancialismo desta caracterologia do português (nesse contexto Sérgio exortava os militares portugueses a apoiarem a Liga de Defesa da República nos seus esforços para repor a legalidade democrática em Portugal), não prejudica uma observação evidente: o retrato ideal que nos dá dos portugueses coincide com o seu próprio auto-retrato. Se não me engano, o ensaísta exilado projectava nos portugueses o modo como se via a si próprio. Tal como muito antes se identificara com Antero e com Herculano.

Por outro lado, a narrativa europeísta e universalista que nos deu da história de Portugal envolve, também ela, a ideia de *um desvio em relação a um rumo inicial*: a uma auspiciosa formação da nação medieval apoiada por povos do Norte da Europa (cruzados, povoadores francos) numa relação estreita com uma prática comercial e marítima que se manifestaria também

¹⁰ Maurice Barrès tinha publicado um romance *Les déracinés* (1897). Ao usar o mesmo substantivo, Sérgio recuperava o conceito num sentido diametralmente oposto: enquanto Barrès o aplicava num sentido negativo a adeptos da III República que via como desenraizados, Sérgio investia o conceito num sentido enaltecido a navegantes, estrangeirados e exilados. Sardinha tinha procedido à crítica do cosmopolitismo liberal e democrático, identificando-o com a maçonaria. Sobre esta posição e a sua interpretação histórica de António Sardinha, veja-se Matos, 2019.

na expansão ultramarina dos séculos XV e XVI – momento alto de afirmação da nação liderada por uma elite esclarecida e portadora de um plano transnacional – ter-se-ia seguido um tempo de *desvio* em relação a esse promissor percurso inicial, um tempo marcado por enraizamento, isolamento e purificação, marcado pela acção da Inquisição e pela expulsão de judeus e mouros.

Ora, no entender de Sérgio, a prática do comércio e a expulsão dos judeus, um modo de vida cosmopolita e a imposição de “uma religião de formalismo rígido”, em suma, a falta de coerência das elites teria impedido os portugueses de “atingir na História a realização perfeita *do nosso próprio tipo, de sermos nós mesmos de uma maneira plena, exemplar, cabal*” (Sérgio, 1980c: 165). O ensaísta responsabilizava as elites pelo desvio que notava no percurso histórico da nação, impossibilitando-a de realizar a sua missão histórica. Nos *Ensaio I* (1920), condensou lapidarmente a sua ideia da missão histórica da nação: “Produto das aspirações do viver europeu, a missão histórica da nacionalidade foi inaugurar o Cosmopolitismo” (Sérgio, 1980a: 77).

Também ele próprio, Sérgio, teria sido desviado do seu percurso inicial – evidente nos iniciais trabalhos filosóficos *As notas sobre os sonetos* [...] de Antero (1909) – pelos “problemas nacionais”, para se dispersar na sociologia, pela pedagogia, a economia, a história, as teorias políticas, etc. (Sérgio, s.d.: 371)¹¹.

Em 1932, ainda no exílio de Paris, referia-se assim ao seu percurso de vida:

Tudo que tentei quanto a obra escrita proveio unicamente das solicitações do acaso: conferências pedidas, artigos urgentes, a resposta a um ataque, um problema actual... Isto no meio de *uma existência tempestuosa e vária, desconexa e ríspida, sempre contrariada pela má ventura e sempre absorvida* por trabalhos sem o menor encanto na luta multímoda do ganha pão – *desperdício estúpido, irremediável, de todas as energias espirituais... Não: obra minha, se acaso existisse, não poderia estar naquilo que escrevo: estaria no*

¹¹ *Cartas de problemática*, Carta n.º 5 (Dezembro de 1952).

espírito de todos os jovens que acharam em mim um companheiro assíduo no empenho de fidelidade à disciplina crítica, à veracidade insectária na apreciação das cousas, à *afirmação da autonomia dos valores do Espírito* [o que pode servir nas minhas páginas é menos a doutrina que lá está expressa do que aquele movimento de libertação do espírito que podem comunicar a quem as ler]. *Repito: se obra existisse, não seria outra*. A todas as restantes *me vedou o acesso a contrariedade insistente do meu destino*; e se alguma coisa poderia ter dado, é que não há incapazes para uma obra útil quando disponham de tempo e de sossego de espírito, além de vontade de bem-fazer. (Sérgio, 1980b: 13; sublinhado meu)

Esta auto-representação de vida ou configuração narrativa (Paul Ricoeur) exprime-se no topos de um destino errante, contrariado por sorte adversa.

QUE PERFIL INTELECTUAL? ROMANTISMO E RACIONALISMO

Poder-se-á numa primeira leitura compreender esta última citação datada de 1932 à luz de uma “retórica da dúvida”, a que se referiu Eduardo Lourenço em 1969 (Lourenço, 1978: 163). Mas se lembrarmos que nos últimos anos de vida, mergulhado numa longa depressão, Sérgio pôs em causa o valor de toda a sua obra, há que propor uma outra leitura e interpretar de outro modo o condicional (“obra minha, se acaso existisse, não *poderia* estar [...]”) a que recorre repetidamente na passagem acima: na verdade o ensaísta punha em causa o valor da sua obra enquanto contributo para acrescentar alguma coisa ao conhecimento. Como pôs em causa todo o período em que viveu em Paris, nos anos de exílio – teria sido um tempo perdido.

No entanto, se em diversos momentos Sérgio insiste no “desvio” que teria sofrido o seu percurso, não é menos verdade que em vários outros insistiu na unidade e coerência da sua obra. Num deles faz intervir até uma componente como que reprimida, esquecida, para a qual chamaram a atenção David Mourão Ferreira (1984) e Natália Correia (2018): a do artista contrariado. Leia-se atentamente este seu autotestemunho, que, de algum modo, contradiz a autojustificação do desvio no seu percurso que observámos acima:

Não nasci com alma para me submeter às coisas e há uma música interior que não me larga nunca. Se eu houvesse variado, por consequência, teria sido um movimento de convicção sincera, onde não haveria nada que censurar, mas sim que louvar: a verdade, porém, é que não mudei: tenho navegado de rota batida, naquele mesmo rumo a que sempre estive; sou como um pintor que vai acabando a tela que esboçou de início definitivamente, e onde o esboço geral se mantém intacto. (Sérgio, 1938: 124; sublinhado meu)

Aqui estamos perante um artista que teria cumprido um programa de sempre, pré-traçado, uma ideia ideal, como que uma música interior. Em 1940, numa entrevista a *O Diabo*, o auto-retrato é bem mais convincente: vê-se a si próprio como “homem de muitos ofícios”, e explica por que razões a sua vida se tinha tornado “multímota e *aventurosa*”, invocando razões de pendor cultural e familiar: o ter nascido “com a *bossa do apostolado ou coisa que o valha* e ser filho e neto de oficiais da marinha. Esta última circunstância impeliu-me para o mar” (Matos, 2019: 34)¹². Aqui, não se trata de explicar um alegado “desvio” no seu percurso mas de justificar a sua dispersão, as múltiplas profissões e o carácter *aventuroso* da sua vida. O tópico do *apostolado* está em perfeita sintonia com o seu racionalismo místico e com o cristianismo ideal a que aderiu muito jovem, em perfeita sintonia com Antero de Quental. Na verdade, além de *maitre à penser*, Sérgio vê-se a si próprio como profeta investido de uma missão social – uma missão que já era bem evidente entre os intelectuais românticos de princípios do século XIX.

Retomará este conceito numa entrevista ao *Diário de Lisboa*, dada em 1956, associando-o a uma ideia de incompreensão pelos seus contemporâneos e exílio interior. Aí refere-se a si próprio como

um velho *apóstolo social*, amador da res publica, que se tem sentido vexado, *amordaçado, incompreendido, em exílio*, apesar de que os adversários nunca lhe negaram mérito; a quem foram proibidos uma meia dúzia de livros;

¹² Transcrição de “Uma entrevista com António Sérgio”, *O Diabo*, 27-01-1940: 1.

que se viu impossibilitado de prosseguir um deles, o qual seria porventura o mais apreciado de todos... (Sérgio, 1956: 1; sublinhado meu)

Jorge de Sena referiu-se um dia ao romantismo como “um glorioso cadáver insepulto” (Sena, 1981: 84). Creio que o perfil intelectual de António Sérgio é justamente um exemplo disso mesmo. É certo que o ensaísta se manifestou diversas vezes em termos muito críticos em relação a um romantismo nacionalista, aos excessos de uma mentalidade romântica não sujeita ao crivo da razão crítica, bem como às suas incontroladas formas de expressão (caso de Junqueiro). Talvez isso tenha impedido muitos dos estudiosos da sua obra de considerarem o quanto há de romântico no perfil do ensaísta – Natália Correia é uma das excepções.

Em síntese, concentremo-nos em três tópicos: 1. a ideia da contrariedade do destino, 2. o intelectual em exílio, 3. o artista.

1. *Contrariedade do destino*. Trata-se de um tópico de ressonância romântica – o herói que vive um *destino* feito de adversidade, incompreendido pelo seu tempo, que luta por uma causa nobre – a causa do Espírito, do Bem, da Justiça – mas à partida votado ao insucesso, numa “existência tempestuosa e vária, desconexa e ríspida, sempre contrariada pela *má ventura*”. Já David Mourão-Ferreira notou a ressonância camoniana desta linguagem (Ferreira, 1984: 28). Mas o *destino contrariado* prende-se também, a meu ver, com o desvio da sua vocação para a filosofia para se dispersar noutras problemáticas (sociológicas, históricas, económicas, políticas, artísticas). Porque na sua escala de valores, situava a filosofia e o pensamento científico num patamar mais elevado do que as outras humanidades. Por contraste, desvalorizava uma literatura de segunda categoria e os literatos (os “líteras”, como gostava de dizer). E não dava relevância de primeiro plano ao seu ensaísmo de temática literária.

2. *Intelectual em exílio*. O destino contrariado relaciona-se com o do exílio – exterior, mas também interior. Raramente António Sérgio se referiu publicamente às suas origens familiares, aos pais e avós, e até mesmo às suas origens geográficas orientais: Damão, Índia Portuguesa¹³. Em contrapartida, é

¹³ Lembre-se que a mãe era indiana (e muito raramente é referida).

bem evidente a marca cosmopolita e universalista do seu pensamento. Sérgio vê-se a si próprio como um *cidadão do mundo*, um membro da República das Letras transnacional – como os filósofos iluministas do séc. XVIII. Compreende-se bem que fosse muito crítico em relação ao nacionalismo e em particular ao nacionalismo étnico que dominou no seu tempo, pelo menos até à II Guerra Mundial (Matos, 2016). E que num tempo de ditaduras se visse a si próprio em exílio, como um *déraciné*. Na correspondência desse tempo em Paris, fala de si próprio como um *proscrito*, com uma *vida errante*, em “*miserável situação financeira*” (Catroga; Veloso: 1004)¹⁴. Mas também se refere com evidente agrado às funções políticas que teve como secretário da Liga de Paris. Leiam-se estas palavras datadas de finais de 1927, em carta a Valéry Larbaud:

Je suis ici depuis février. J’ai bien pensé à vous chercher. Mais... Je joue ici *le rôle romantique d’émigré politique*, et même de conspirateur contre la dictature militaire qui sévit au Portugal depuis plus d’une année. (Rivas, 1984: 75)

A experiência de exílio é por ele vista de um modo ambivalente: ora inicialmente de um modo muito positivo, enaltecendo a sua acção, ora posteriormente, ao traçar um balanço desses anos turvos de luta pela sobrevivência, já em 1932, a ela se referindo como um «buraco negro» devastador. Em qualquer dos casos, o tempo vivido em Paris ficou marcado por descontinuidade e ruptura com a experiência anterior. Nessa medida, interessa observá-lo enquanto momento de auto-reflexão e balanço de vida: o exílio fora do país suscitou distância, descentramento, afastamento da sua biblioteca, dos seus amigos (que repetidamente chama para Paris). E o exílio dentro de fronteiras não deixou de ser expatriamento: «querer Pátria, em Portugal, é querer o espírito da democracia» (Marques, 1976: 137), afirmava em 1927, em termos garretianos. Esta experiência deixaria aliás marcas profundas no percurso posterior – lembre-se a doutrinação do cooperativismo a que adere desde então.

¹⁴ Carta a Joaquim de Carvalho, datada de 4-7-1932.

A ideia de que o intelectual escreve não para o seu tempo mas *para os vindouros*, para um futuro aliás não imediato (não o dos jovens do seu tempo mas dos que se lhes seguirem) remete para *a incompreensão do artista pelos seus contemporâneos*. Em qualquer caso, exílio e incompreensão remetem para uma problemática ontológica que se prende com a relação do ser com o destino individual e com a comunidade humana em que se insere – a nação – pois como se sabe Sérgio escreveu sobretudo para os portugueses, ainda que a sua problemática fosse transnacional e universal.

3. *O artista*. O ensaísmo é para Sérgio uma atitude mental e não um género. Uma atitude de problemática e de espírito crítico. Mas também é produto de uma inspiração artística, uma arte (como era para Lukács ou Adorno): “As ideias críticas ocorrem ao crítico num estado de verdadeira *inspiração artística (como as ideias poéticas ou musicais)*” (Sérgio, 1980b: 10). Sublinha a estreita relação entre criação racional e emoção, sentimento. Cita Fernando Pessoa: “O que em mim sente está pensando”. E comenta: “Pois claro que está. E o que em mim pensa está sentindo: por que não dizê-lo?” (Sérgio, 1980b: 275, 277)¹⁵. A invenção de uma teoria científica é para Sérgio comparável à criação poética: não por acaso emprega com frequência os termos *fantasia* e *fantasiar hipóteses*, aplicados à imaginação criadora do cientista. Na criação artística estabelece uma relação dialéctica entre *fúria* e *razão*, entre inspiração romântica inicial e ordenação clássica. E nela atribui a iniciativa à inspiração, ao impulso emotivo inicial (“A origem da obra de arte prende-se sempre a uma certa *Fúria* – a um desequilíbrio, um delírio, um conflito interior, uma contradição, uma doença, uma ‘loucura’, uma embriaguez romântica, uma angústia, etc., etc.”), sem esquecer, claro está, “a ordenação interna”, a Razão. E esclarecendo ainda numa nota que tem muito de auto-retrato do ensaísta:

¹⁵ Sérgio subscrevia inteiramente a crítica que Pessoa teceu aos poetas do seu tempo, citando-o: “ignoram que um poema [...] não é mais que uma carne de emoção cobrindo um esqueleto de raciocínio. Nenhuma capacidade de atenção e concentração, nenhuma potência de esforço meditado, nenhuma faculdade de inibição. Escrevem ou artistam ao sabor da chamada *inspiração*...”, etc. (Sérgio, 1980a [1949]: 25-26).

Um autor clássico, para nós, não é o contrário de um autor romântico; não é um homem naturalmente calmo, destituído das qualidades que são ‘o impulso, o espontâneo, o instintivo’, etc. Um autor clássico, para nós, é aquele que possui, além dos impulsos naturais, das espontaneidades, dos instintos, das paixões, das violências. Das explosões, das embriaguezes, etc., etc., etc., e de todas as extravagâncias e tragédias que podem encontrar-se em qualquer romântico, *além de tudo isso*, dizemos nós, um *fortíssimo* instinto de composição e de harmonia, de que faz uso quando utiliza, para criação de uma obra de arte, aqueles instintos já mencionados, com os variados impulsos, espontaneidades, violências, explosões, paixões, morbidez, misérias, extravagâncias, embriaguezes, etc., etc., que se podem achar em qualquer romântico. (Sérgio, 1980b: 21; sublinhado do autor)

Numa carta à namorada datada de 1909, confessava numa das raras referências à sua mãe que se conhecem: “Eu herdei da minha mãe no mais íntimo do meu temperamento: a susceptibilidade profunda, *a sensibilidade feminina de artista*” (Sérgio 1983: 807)¹⁶.

E muito mais tarde assume plenamente a sua inspiração romântica, logo “corrigida” pelo super-Ego racionalista:

Tenho, sem dúvida alguma, uma sensibilidade mística e romântica: com isto porém, um cérebro implacavelmente racionalista. Sequioso de clareza e de demonstração. Se nunca tivesse havido racionalismo, o primeiro racionalista teria sido eu, o racionalismo em mim, não é uma teoria que eu adoptei, mas uma maneira de ser com que nasci. (Sérgio, 1938: 124; sublinhado meu)

Mas Sérgio nunca chega a assumir-se inteiramente como *artista* (como haveriam de reconhecer Jorge de Sena ou David Mourão-Ferreira), talvez porque a sua legitimação nas polémicas com os literatos se baseava mais numa

¹⁶ Carta a Luísa Stephanía da Silva (Luísa Sérgio), datada de 29-05-1909.

argumentação de ordem filosófica e científica. E porque, como confessava na derradeira entrevista que concedeu, a sua cultura intelectual era “muito mais científica do que literária” (Sérgio, 1958). O que distingue radicalmente o seu ensaísmo.

CONCLUINDO

As passagens autobiográficas que percorremos compõem e recompõem um complexo auto-retrato. Nesse auto-retrato, as categorizações configuram diferentes gestos identificadores. Nele há oscilações: Sérgio ora se autoclassifica como *pedagoga*, *pregador* ou *apóstolo social* ora (raramente) assume a categoria de *filósofo* no topo de uma hierarquia de funções (em 1958 e na entrevista que concedeu a Igrejas Caeiro, Sérgio, 1958). Mas também chegou a recusar o estatuto de *filósofo* ou de *sábio* (em 1928). E se não nos enganamos, embora não o afirmasse explicitamente, enquanto ensaísta via-se a si próprio como artista (veja-se o tão relevante prefácio aos *Ensaio III*, datado de 1932). Compreende-se pois que rejeitasse a distinção entre críticos e criadores, no quadro de uma ideia holista do espírito humano de alor romântico, alheia a separações artificiais. Há pois oscilações que se prendem com o momento e com o contexto de enunciação. Nada a acrescentar.

Já a autojustificação do suposto “desvio” do seu percurso atribuído aos problemas nacionais do tempo da I República, a um “erro” numa opção de carreira ou a dificuldades económicas, não está em consonância com a sua teoria segundo a qual a criação artística e intelectual *não* exprime as circunstâncias da vida nem da biografia. Tanto mais que, a seu ver, o crítico podia perfeitamente prescindir da biografia para compreender uma obra.

Ao invés, as incursões autojustificativas de Sérgio no seu passado têm implícita uma outra posição teórica segundo a qual foram os contextos social e biográfico que determinaram a sua função no meio cultural português. Ora quer-nos parecer que, fossem quais fossem as circunstâncias nacionais ou os erros de percurso, Sérgio teria sempre a mesma propensão dispersiva, voluntarista, comandada por emoções e ideias – não explicou ele a Joaquim de Carvalho que mesmo antes de ler os filósofos se lhe revelou o pensamento

idealista, num estado de intensa emoção (metaforicamente referida como “embriaguez”)? E que a criação artística, “longe se ser um reflexo das circunstâncias da vida do seu autor [...] *é não poucas vezes uma reacção contra ela, uma fuga, uma evasão*” (Matos, 2019: 95-96)¹⁷. Não estaria Sérgio também a falar de si próprio? Se lembrarmos que o ensaísta sempre sentiu forte impulso voluntarista para a acção pedagógica e política e que em diversos momentos lamentou o tempo que lhe dedicou como um *desperdício*, talvez se possa entender toda a sua obra – ensaística e doutrinária –, um caso absolutamente aparte no Portugal contemporâneo, goste-se ou não dela – como justamente uma *reacção* e *evasão* em relação à vida que lhe foi dado viver, num meio cultural e político por demais acanhado e cinzento, o da ditadura do Estado Novo. No plano filosófico, o seu racionalismo místico pode ser visto como alternativa ao empirismo positivista. Tal como no plano do pensamento social o socialismo cooperativista e libertário pode ser tomado como alternativa quer ao dogmatismo tradicionalista do Estado Novo, quer em relação ao modelo de socialismo de estado de inspiração soviética. Mas não só: o seu pensamento e acção foram instrumentos de libertação e evasão de um terceiro homem que viveu corajosamente, em exílio exterior e interior, o drama de um país bloqueado.

E assim voltamos ao seu ideal totalizante a que nos referimos atrás, de ressonância romântica e fichteana – que, esse sim, tem algo que ver com as circunstâncias que lhe foi dado viver. Para Sérgio o Ser é simultaneamente sujeito e objecto. E o sentido da vida é a persecução da união com o Absoluto, como em Fichte (Gusdorf, 1982: 379; Príncipe, 2004: 250-261). O Eu absoluto, transcendental, identifica-se com a razão que se eleva acima dos dados dos sentidos. Este pendor totalizante do ideário sergiano desdobra-se em componentes aparentemente opostas e complementares em que também a marca hegeliana é evidente: classicismo e romantismo, sentimento e razão, racionalismo e misticismo, democracia e ditadura, etc. Note-se que essas

¹⁷ Transcrição de António Sérgio, O conto de Eça de Queiroz *O tesouro*, lido e comentado por A. Sérgio, *O Ocidente*, 387, 89, 1970, 6.

componentes se fundem, levando-o a usar conceitos aparentemente contraditórios como *racionalismo místico* ou *ditadura liberal* (Sérgio, 1980a [1932]: 15).

Topamos no pensamento de António Sérgio uma nostalgia salvífica da unidade que está também bem presente em categorias filosóficas como *Bem*, *Dever Ser uno*, *Uno Unificante*, *Justiça*, entre outras. Note-se que estas categorias assumem simultaneamente uma dimensão cognitiva e ética, acentuando-se assim essa vocação totalizadora. Nessa senda de um espírito unitivo, de um Ser racional e divino (toda a sua obra é percorrida por uma religiosidade íntima, em plena sintonia com o cristianismo original), Sérgio identifica-se com o espírito místico, distinguindo todavia diversas místicas e vias para a unidade¹⁸. É certo que o racionalismo de método aplicado aos mais variados domínios impera nos seus textos dedicados ao pensamento científico e filosófico através de uma notável capacidade de cerebração em que o abstrato e o exemplo concreto se entrelaçam harmoniosamente. Mas a par desses textos, coexistem outros em que se torna mais evidente uma religiosidade íntima (à maneira de Antero)¹⁹. E noutros ainda a vocação submersa, não assumida, do artista da língua que também foi reconhecido por seus pares mais jovens como Jorge de Sena, José Cardoso Pires ou David Mourão-Ferreira. Racionalismo, misticismo e arte constituem, se não erramos, diferentes vias de relação do eu do filósofo com o mundo. Diferentes modos de articular epistemologia, ética, metafísica e conhecimento de si.

É que, na nostalgia da unidade revela-se o “duende romântico” sergiano a que se referia luminosamente Natália Correia, sempre a surpreender-nos, não raro preso ao seu “*daimon* racionalista” (Correia, 2018: 77). Ou seria esse *espírito romântico* mais propriamente intrínseco ao seu racionalismo intelectualista? Como julgo ter demonstrado, esse espírito está também bem marcado nas narrativas que o ensaísta foi compondo e refigurando sobre si

¹⁸ Uma via mística intelectualista, a de Platão; outras vias, as dos místicos do séc. XVII e de Camões ao nível da sensorialidade e da metafísica (António Sérgio, 1974: 24).

¹⁹ Vejam-se “Sobre cristianismo e cristãos, verdadeiros e falsos” [textos datados dos anos de 1925 a 1937], nos *Ensaio VI*.

próprio ao longo do tempo – em que o impulso de *dissidência libertária* e o tópico de um destino adverso são centrais. Classicismo e romantismo, ordem e fúria, emoção e razão são dualidades que surgem mais ou menos vincadas na obra de Sérgio. No entanto, essas dualidades dissolvem-se numa sede totalizante de absoluto, de união espiritual com um princípio de Razão universal em sintonia com o espírito divino. Também nas passagens autobiográficas, modo de se observar a si mesmo e de se confrontar com o seu segredo íntimo, Sérgio toma a sua vida como um todo uno, embora não isenta de inflexões. Mas sempre sublinhando uma coerência íntima, inscrita nas origens, como que revelada em epifania e inspiração artística. Uma música *íntima, quase secreta*, que sempre o acompanhou nos momentos de criação e de ascese. Sempre em busca de sentido.

BIBLIOGRAFIA

- Baptista, Jacinto (1992). *Disse chamar-se António Sérgio de Sousa*. Lisboa: Caminho.
- Catroga, Fernando; Veloso, Aurélio (1983). António Sérgio: Cartas do exílio a Joaquim de Carvalho. *Revista de História das Ideias*, 5, 2, 951-1016.
- Correia, Natália (2018). As contradições sergianas. In *Entre a raiz e a utopia* (75-78). Lisboa: Pontodefuga.
- Ferreira, David Mourão (1984). António Sérgio et la littérature ou une passion contrariée. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 20, 27-35.
- Gusdorf, Georges (1982). *Fondements du savoir romantique*. Paris: Payot.
- Hameline, Daniel; Nóvoa, António (1990). Autobiografia inédita de António Sérgio escrita aos 32 anos no *Livre d'Or* do Instituto Jean-Jacques Rousseau. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, 141-177.
- Lourenço, Eduardo (1978 [1969]). Sérgio como mito cultural. In *O Labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português* (159-173). Lisboa: D. Quixote.
- Matos, A. Campos (2019, 3.^a ed.). *Diálogo com António Sérgio*. Lisboa: Colibri.
- Matos, Sérgio Campos (1988). Ensaísmo e doutrina social em António Sérgio. In *Estudos sobre António Sérgio* (31-49). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, INIC.
- (2015). António Sérgio e os nacionalismos. In Amon Pinho; A. Pedro Mesquita; Romana V. Pinho (Ed.), *Proença, Cortesão, Sérgio e a Seara Nova* (293-308). Lisboa: Centro de Filosofia da UL.

- (2020). António Sardinha and his Ibero-American connections: traditionalism and universalism intellectuals. In Valeria Galimi; Annarita Gori (Ed.), *The Latin space during the era of fascism crossing borders* (15-34). London, New York: Routledge.
- Ortega y Gasset, José (1983 [1948]). Una interpretación de la historia universal. In *Obras completas*. 9 (11-232). Madrid: Alianza Editorial, Revista de Occidente.
- Príncipe, João (2004). *Razão e ciência em António Sérgio*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Ricoeur, Paul (1983-1985). *Temps et récit*, 3 vols. Paris: Seuil.
- Rivas, Pierre (1984). António Sérgio en France. *Arquivos do Centro Cultural Português*, 20, 65-80.
- Sena, Jorge de (1981 [1966]). O Romantismo. In *Estudos de literatura portuguesa*. I (83-94). Lisboa: Edições 70.
- Sérgio, António (1938). Sobre o 'odioso' eu. *Seara Nova*, 588, 19-11-1938, 124.
- (s.d. [1952-1955]). Cartas de problemática. In *Notas sobre Antero, Cartas de problemática e outros textos filosóficos*. Pref. A. Pedro Mesquita (311-457). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- (1956). A cultura portuguesa. *Diário de Lisboa*, 30-05-1956, 1.
- (1958). Entrevista de Igrejas Caeiro. *Perfil de um artista*, Rádio Clube Português, 29-07-1958. https://www.sergio19.net/uploads/1/2/2/6/122650875/entrevista_ant%C3%B3nio_s%C3%A9rgio_-_edit-lres.mp3
- (1973 [1941]). Divagações proemiais. In *Introdução geográfico-sociológica à história de Portugal* (3-21). Lisboa: Sá da Costa.
- (1973 [1954]). Prefácio. In *Ensaio V* (1-10). Lisboa: Sá da Costa.
- (1974 " [1953]). Glosas sobre algumas pegadas na areia do tempo. In *Ensaio VII* (13-56). Lisboa: Sá da Costa.
- (1976). Carta aberta aos oficiais portugueses que ainda admitem a ditadura. In *A Liga de Paris e a Ditadura Militar 1927-1928* (136-137). Lisboa: Europa-América.
- (1977a, 2.^a ed. [1928]). Prefácio da 1.^a ed. In *Ensaio II* (17-23). Lisboa: Sá da Costa.
- (1977b, 2.^a ed. [1956]). Prefácio da 2.^a ed. In *Ensaio II* (1-15). Lisboa: Sá da Costa.
- (1977c). Carta a Sarmento Pimentel [s. d., 1952-1954?]. *Diário Popular*, 09-12-1977.
- (1980a, 3.^a ed.). *Ensaio I*. Lisboa: Sá da Costa.
- (1980b [1932]). *Ensaio III*. Lisboa: Sá da Costa.
- (1980c [1938]). Para a definição da aspiração comum dos povos luso-descendentes (a propósito de uma conferência de Gilberto Freire). In *Ensaio VI* (161-174). Lisboa: Sá da Costa.

- (1981, 2.^a ed. [1934]). Prefácio da 1.^a edição. In *Ensaio IV* (5-10). Lisboa: Sá da Costa.
- (1983). Cartas da juventude de António Sérgio. *Revista de História das Ideias*, 5, 2, 785-937.
- (1987). *Correspondência para Raul Proença*. Org., introd. J. C. González. Estudo Fernando Piteira Santos. Lisboa: Dom Quixote, Biblioteca Nacional.
- Vilhena, Vasco Magalhães (1976). Em torno da génese do idealismo filosófico de António Sérgio. In *Homenagem a António Sérgio* (123-145). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

[texto escrito no antigo acordo]